

# FLAMA

## ECONOMIA PORTUGUESA IMPOTÊNCIA POLÍTICA

**DOCUMENTOS  
JESUÍNO E MELO ANTUNES:  
OS ESCRITOS DA DIVERGÊNCIA**

# ISABEL DO CARMO



## "É PRECISO PÔR TUDO EM CAUSAS"



# ISABEL DO CARMO: "É PRECISO POR TUDO EM CAUSA"

"Cedo compreendi que não saberia ser outra coisa senão militante." Estas palavras são de uma mulher, que também é membro da direcção de um partido — o Partido Revolucionário do Proletariado — Brigadas Revolucionárias. Chama-se Isabel do Carmo (mas já usou os nomes de guerra "Elisa" e "João"), tem 34 anos, é formada em Medicina e iniciou-se na política numa idade em que os meninos costumam apenas, timidamente, preocupar-se com o futuro lar e a futura família. A partir daí, nunca mais parou.

Desde a distribuição de panfletos do extinto M. U. D. (Movimento de Unidade Democrática) Juvenil, até à fundação das Brigadas Revolucionárias e à direcção do P. R. P., contando doze anos de militância no Partido Comunista Português, vai todo um itinerário longo e fascinante, marcado pela única certeza que não admite contestação: a de que é preciso pôr tudo em causa, constantemente. Uma militante revolucionária que também é uma teórica, como Isabel do Carmo, dirá: "É a única posição verdadeiramente materialista que conheço."

A mulher sacrificou-se à política? Pelo contrário, foi a política que enriqueceu a mulher. E, à custa desse amadurecimento, foram-lhe abertas portas que a política costuma ser avara em franquear às mulheres. Em contrapartida, a mulher não esqueceu o carácter excepcional dessa conquista. E ei-la intelectualmente do lado da libertação das mulheres, embora a sua luta se desenrole num plano mais generalizado. Num plano que vai dar ao mesmo fim: a libertação das pessoas, homens e mulheres, de toda a exploração e de toda a opressão.

**FLAMA** — No nosso país, não é muito vulgar as mulheres participarem activamente na vida política. E ainda menos vulgar é vê-las atingir posições de projecção nas organizações políticas em que militam. Você é, de certo modo, uma excepção. Como é que isso aconteceu? Ou, para começar: como é que nasceu em si o interesse pela política, em termos de vir a tornar-se membro da comissão central de um partido?

**ISABEL DO CARMO** — Nasci no Barreiro, onde existe um meio que conduz naturalmente as pessoas a ganharem um certo grau de consciencialização política, embora seja uma terra que durante alguns anos se manteve muito adormecida, do ponto de vista político. Sim, eu lembro-me que quando entrei para

o liceu ouvia dizer que o Barreiro era muito revolucionário, que só lá havia comunistas, que era extraordinário e ficava muito espantada, porque não via lá nada disso. No entanto, como é uma terra industrial, onde nunca existiu alta burguesia (esta explorava de fora) e onde a média burguesia não tem força ideológica — o que predomina é o proletariado e a pequena burguesia — a exploração salta aos olhos de toda a gente, todos os dias. Eu nasci neste ambiente — o meu avô era operário dos caminhos de ferro — e, portanto, foi-me natural começar a pensar em termos políticos. Tanto mais que na minha família havia essa tradição: o meu pai foi responsável do M.U.D. no Barreiro. Por outro lado, estava muito em contacto com militantes operários da vila, que

conhecia desde miúda. Conheci muitas pessoas — que depois se tornaram personagens políticas da terra — que estiveram empenhadas na greve da C.U.F. Conheci outras que voltavam do Tarragal e de que toda a gente falava. Assisti ao regresso da guerra da Espanha. Contactei alguns anarquistas e muitos comunistas. Portanto, havia todo um ambiente, onde se moviam essas personagens da organização operária, com quem eu conversava frequentemente. É evidente que tudo isso nos marca politicamente.

**FLAMA** — Mas nem sempre em termos de nos levar a militar...

**ISABEL DO CARMO** — Aos quinze anos fui contactada para ingressar no M.U.D. Juvenil, que estava nos seus últimos anos. Comecei nessa altura a distribuir panfletos, que era a tarefa que toda a gente cumpria. E daí em diante nunca mais parei.

Fui para a Faculdade de Medicina aos dezassete anos, no ano das candidaturas do Arlindo Vicente e do Humberto Delgado, e meti-me logo na campanha, a fundo. Nessa altura, os jovens mais radicais defenderam a candidatura do Arlindo Vicente. E eu fiz o mesmo. Claro que na altura havia muita coisa que eu não percebia. O que eu via é que a mobilização de massas era feita pela campanha do Delgado e que as posições mais à esquerda eram as do Arlindo Vicente. Mas não tinha nenhuma capacidade para perceber porque é que isso acontecia. Agora, o que eu concluo é que não houve uma vanguarda revolucionária que pusesse as coisas em termos de a mobilização de massas se fazer em termos revolucionários. Mas também acontece que nós estávamos organizados na campanha do Arlindo Vicente e vínhamos para a rua com as massas do Delgado... Só posteriormente é que percebi o que se tinha passado politicamente





nessa época, em matéria de incapacidade para assumir uma posição de esquerda.

Assim que terminou a campanha, entrei para o Partido Comunista. Tinha dezoito anos. Mantive-me no Partido Comunista até aos trinta.

## DA MITOLOGIA AO MATERIALISMO

**FLAMA** — E como encara agora essa passagem pelo Partido Comunista, no momento em que está na direcção de um partido — o P.R.P. — cujas posições são profundamente divergentes das daquele?

**ISABEL DO CARMO** — Penso que fiz muito bem em entrar para o Partido Comunista. Com todas as críticas que “a posteriori” sou capaz de fazer ao Partido Comunista da época, continuo a pensar que era a organização mais à esquerda, a que tomava posições mais radicais. Curiosamente na Universidade havia muito poucos filiados do Partido Comunista. Quando estive na direcção do sector universitário, lembro-me que, com algum esforço, conseguimos ser cem militantes em toda a Universidade.

Assumo perfeitamente a minha passagem pelo Partido Comunista, e até mesmo os erros. Porque aquilo que eu consigo ver posteriormente, não o via na altura. E, nessa altura, o Partido Comunista nem sequer se discutia. A posição em que se encontravam as pessoas, nas quais eu me incluo, é uma posição que tem muito a ver com o sagrado.

**FLAMA** — Que quer dizer com isso?

**ISABEL DO CARMO** — Actualmente estou numa posição de pôr tudo em causa. Penso que é a única posição materialista, marxista.

Ser capaz de pôr tudo em causa constantemente. Até o meu próprio partido. É a única forma de verificar se ele está ou não correcto em relação à realidade. Quanto a mim, esta posição, que, repito, é a única posição materialista, e dialéctica (para quem assume este modo de estar na vida) não existe na maior parte das organizações que dizem professar o materialismo dialéctico. E eu própria só muito tarde a assumi. Quando entrei para o Partido Comunista, não existia mais nada. O Partido Comunista era um novo deus, as suas posições eram valores sagrados. Vendo as coisas de uma forma mais ampla, parece-me que o que acontecia era a substituição de determinados valores sagrados por outros valores também sagrados. Só que estes últimos são valores palpáveis e não sobrenaturais, uma vez que há um partido, há países socialistas, há história da resistência comunista. Quando entrei para o Partido Comunista, a minha posição, assim como a de muitas outras pessoas, era a de aceitação de valores sagrados. Para mim, nessa altura o Partido Comunista era indiscutível. Como a União Soviética era indiscutível. Mas eu assumo essa época e os seus erros, pois pessoalmente não atribuo a ninguém exterior a mim convicções que eu própria me incuti. O que importa é interpretar as coisas: como é que isso aconteceu? Penso que tudo tem muito a ver com a história do movimento operário nos últimos anos, desde a revolução soviética. Portanto, não se trata de um erro desta ou daquela pessoa, nem de um erro particular deste ou daquele partido: é a história do movimento operário que conduz a determinadas realidades nos países socialistas, que conduz a determinadas realidades dos partidos comunistas e que conduz também a sociedade em geral a um determinado estágio

do pensamento humano, que se liberta das suas alienações e dos seus valores.

## EXPULSÃO E AMEAÇA DE MORTE

**FLAMA** — Em que condições se verificou a sua saída do Partido Comunista Português?

**ISABEL DO CARMO** — É evidente que esta fase de sacralização de valores tinha de acabar. E, ainda na Universidade, começámos a colocar o problema da violência. Naturalmente, fazíamos-lo de um modo um tanto informe. Mas com muita insistência. Julgo, até, que as primeiras dissidências dentro do Partido Comunista, e as primeiras cisões, que foram cisões maoístas, se fizeram neste sentido. É curioso, porque o mesmo não aconteceu na maior parte dos países. A meu ver, isso reflecte até que ponto entre nós se punha a necessidade da violência.

Assim se chegou às eleições de 1969, com aquele liberalismo consentido pelo Marcelo Caetano. A C.D.E. consegue um amplo movimento de massas ou, pelo menos, de activistas, em que as bases tiveram grande importância, porque levantaram problemas. Foi então que se levantou pela primeira vez a questão do socialismo como objectivo. Muitos dos problemas que eu já colocava em relação ao Partido Comunista avivaram-se, pela situação objectiva. E os problemas acabaram por centrar-se em dois pólos: a revolução socialista e a violência. Formulei várias vezes esta questão dentro do Partido Comunista. Em 1969, redigi um documento (que depois foi apanhado pela Polícia) dirigido à direcção do Partido em que colocava exactamente estas questões. E voltei frequentemente a insistir nestes pontos.

**FLAMA** — E era possível a discussão dessas divergências dentro do Partido?

**ISABEL DO CARMO** — Eu penso que a discussão era possível. O que acontece é que, pelo menos enquanto eu lá estive, os problemas de discussão política eram sempre postos em último lugar. A minha experiência ensinou-me que a discussão da orientação política e a análise da situação eram postas em último lugar e se possível adiadas. E, de facto, a maior parte das vezes não chegava a haver discussão política. Dava-se sempre prioridade aos problemas de organização e de tarefas.

**FLAMA** — E isso levou-a a deixar voluntariamente o P. C. ou foi este que a excluiu, por manifestar divergências?

**ISABEL DO CARMO** — Fui expulsa. Bem, eu penso que se não fosse expulsa acabaria por sair por iniciativa própria. De qualquer modo, essa expulsão decorreu em termos péssimos. Nem sequer me foi comunicada a mim, pessoalmente. Tomei conhecimento dela através de dois camaradas — que neste momento também estão no P.R.P. — a quem foi comunicada em termos de ameaça de morte. E mais tarde fizeram circular entre os militantes um papelinho dactilografado informando da minha expulsão. Papelinho que, como se calcula, uma vez que circulava, facilmente iria





## ISABEL DO CARMO: "EU NÃO SABERIA SER OUTRA COISA SENÃO MILITANTE"

ter às mãos da Polícia. Curiosamente, o membro do Comitê Central que tomou a iniciativa de me expulsar do P.C., o "duro" que, por eu ter divergências com o Partido, achava que merecia um tiro, poucos meses depois celebrou um contrato com o Marcelo Caetano para passar à legalidade. E passa a fazer a sua vida normal, à luz do dia. O que é mais interessante é que ainda hoje esse indivíduo, que é o senhor Ramos de Almeida, é aceite nos meios democráticos, enquanto outras pessoas, por defenderem posições

revolucionárias, são afastadas dos meios democráticos. Mas isso é à lei da pequena burguesia...

Nessa altura, o Lindolfo trai o Partido, e faz também o favor de englobar na sua traição tudo o que poderia saber de mim. É curioso que, antes de ser preso, esse indivíduo esboça uma tentativa de se encontrar comigo, sabendo que eu estava já excluída do Partido Comunista. Encontro a que eu não fui. Felizmente... Com tudo isto, a minha saída foi extremamente conflituosa.

**FLAMA** — De tal modo que cortou relações com o P.C.P...

**ISABEL DO CARMO** — A verdade é que continuo a ter muito respeito por alguns militantes do Partido Comunista, pessoas que eu sei que lhe consagraram a vida inteira, perfeitamente convencidas de que este quer o comunismo. Respeito profundamente estas pessoas. Mas há outras por quem não tenho qualquer espécie de respeito. No entanto, penso que todas estas questões devem ser tratadas em termos políticos. São divergências políticas e como tal devem ser tratadas.

**FLAMA** — A forma como se referiu há pouco à sacralização dos valores defendidos pelo Partido Comunista poderá levar a pensar ser a doutrina reformista professada por aquele uma enorme fraude que mantém alguns milhares de pessoas alienadas...

**ISABEL DO CARMO** — O que eu penso é que a fraude não tem nada de moral. Não penso que existam uns seres diabólicos, dotados de muito má fé, a dizer "ora vamos lá enganar as massas trabalhadoras e pregar-lhes uma grandíssima partida". Julgo que as coisas não se podem pôr assim, em termos morais. Porque tudo isto tem uma explicação histórica. E é preciso procurar de uma forma materialista as razões nas situações concretas da realidade. Penso que os partidos comunistas, devido à história da União Soviética, devido ao estalinismo — que não se centra num homem, mas sim num período, com todas as suas características — penso que os partidos comunistas se transformaram em partidos sociais-democratas, com todas as características — conciliação de classes, negação de violência como forma de luta, tendência para as alianças com a pequena burguesia, infiltração por elementos da pequena burguesia, insistência no tema das frentes unitárias de aliança de classes... Ao passo que os partidos sociais-democratas do princípio do século se transformaram em partidos capitalistas.

### ASSIM NASCERAM AS BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

**FLAMA** — A saída do P.C. deixou-a inactiva por algum tempo?

**ISABEL DO CARMO** — Não. Desde muito cedo que eu comecei a levantar problemas em relação ao Partido Comunista. Mas já então havia uma coisa que eu tinha como certa: é que eu não saberia ser outra coisa senão militante. E militante numa organização. Por isso, nunca encarei a ideia de sair do Partido Comunista para ficar a olhar, de mãos vazias, simplesmente porque tinha divergências. Isso, para mim, não chegava. Portanto, a partir de determinada altura tornou-se muito importante encontrar uma alternativa orgânica. Aliás, não percebo que a certa altura as pessoas se coloquem numa posição individual, que me parece quase de repugnância, por uma organização. Se as pessoas são mesmo



revolucionárias, então têm de se lançar imediatamente na construção de outra coisa. Ora, em certo momento — pelo número de pessoas que saíram do P.C., pelas divergências que manifestavam, pela inquietação que as bases expressavam — pareceu-me que a alternativa orgânica era possível. E foi. Em 1970, eu e o Carlos Antunes lançávamos o projecto das brigadas revolucionárias. Entretanto, eu estive em França seis meses. Quando voltei, verifiquei que muitas outras pessoas defendiam a necessidade de violência. E organizámos a primeira brigada revolucionária, que só veio a actuar em Novembro de 1971. Eu, o Carlos Antunes e outros que se não juntaram fomos, portanto, os fundadores das Brigadas Revolucionárias e do Partido Revolucionário do Proletariado.

A primeira acção das Brigadas Revolucionárias foi a célebre sabotagem de uma base da N.A.T.O. na Fonte da Telha, em 7 de Novembro de 1971. Cinco dias depois, era destruída uma bateria de canhões em Santo António da Charneca, no Barreiro, onde havia sido colocada na sequência das greves na C.U.F. para impressionar os operários... Em Junho do ano seguinte, as Brigadas Revolucionárias realizaram com êxito nova acção armada; a destruição de quinze camiões pesados "Berliet", em Cabo Ruivo. Os camiões iam ser entregues ao Exército para servirem na guerra contra os povos das colónias. Esse ano foi ainda assinalado pelo aparecimento de um porco disfarçado de Américo Tomás no Rossio, por ocasião das eleições, e da sabotagem das instalações electrónicas da Marconi em Palmela e Setúbal. Em 1973 as Brigadas Revolucionárias iniciaram a acção armada no Porto, com a destruição das instalações do Distrito de Recrutamento e Mobilização do Porto, que ficou com o nome de Operação Ernesto e Luís, em homenagem a dois militantes que perderam a vida nas espectaculares acções levadas a cabo em Lisboa um mês antes e que tiveram como alvo vários departamentos do Exército, entre os quais os Serviços Macanográficos, no Quartel da Graça. O Quartel-General do Porto viria a ser atingido segunda vez em 1973.

As acções das Brigadas Revolucionárias prosseguiram até 9 de Abril de 1974. Alguns dias depois, dava-se a queda do fascismo. Entretanto, o Partido Revolucionário já tinha nascido, integrando as Brigadas Revolucionárias e outros núcleos, designadamente de luta legal, da emigração e do sector operário. O congresso em que foi aprovada a sua criação realizou-se em Setembro de 1973.

**FLAMA** — Portanto, essa longa militância, sem interrupções, fez que a sua ascensão política fosse, por assim dizer, um fenómeno natural, não entravado pelo facto de ser mulher?

**ISABEL DO CARMO** — Sim, aconteceu naturalmente. Ou melhor, nem sequer foi ascensão, uma vez que eu já lá estava. Andei à procura de uma alternativa orgânica e acabei por ser uma das intervenientes na sua

construção. Mas também houve um factor de acaso. Eu posso não ter tido grandes limitações, como pessoa em relação à capacidade de pensar uma determinada realidade. Portanto, aconteceu comigo como aconteceria com um homem. No entanto, reconheço que se trata de um caso raro.

## A OPRESSÃO DA MULHER

**FLAMA** — Devido à opressão a que a mulher está submetida na nossa sociedade?

**ISABEL DO CARMO** — Sim, uma opressão que está ligada à sociedade capitalista. Mas parece-me que a situação da mulher na sociedade portuguesa não é específica em relação aos outros países capitalistas. Há apenas uma diferença de quantidade: aqui, a opressão é mais marcada devido às condições económicas do País. Mas é a opressão característica de toda a sociedade capitalista que obriga a mulher a desempenhar determinados papéis, desde fabricadora da prole até guardiã do lar e da ideologia da classe dominante, a burguesia, passando pelo papel de objecto, relativamente ao homem. Objecto em todos os sentidos, objecto simultaneamente de prazer e de respeito.

Neste aspecto, contesto as análises superficiais que remontam à influência dos hábitos árabes em Portugal, e outras teorias mais ou menos românticas e literárias, que me parece terem pouco a ver com uma análise materialista. Esta tem de ter em atenção tudo o que se passa na sociedade capitalista.

**FLAMA** — Mas a opressão da mulher não se circunscreve ao capitalismo...

**ISABEL DO CARMO** — Evidentemente, é preciso ir mais longe. A opressão da mulher existe desde que existe sociedade patriarcal. Foi aí, com a instituição da propriedade privada, em consequência da qual surgiu a monogamia, para assegurar a transmissão da herança, foi aí que nasceu a opressão da mulher, a quem foi reservado um determinado papel limitado, em função da sua vocação para ter filhos.

E o que foi sendo estabelecido por essa sociedade patriarcal, as várias culturas que se sucederam ao longo dos tempos, sempre subordinadas à situação relativa e oprimida da mulher, marcaram de tal maneira a mulher e o homem, as relações entre os dois e os conceitos de relação entre os dois, que me parece extremamente mecanicista pensar que, mudando as estruturas económico-sociais, imediatamente se resolvem os problemas relacionados com a opressão feminina. Esta é qualquer coisa de muito mais fundo, e impregnou de tal modo o próprio funcionamento da mulher e do homem que, neste momento, me parece impossível distinguir onde é que termina o social e o cultural e começam as características próprias de dois corpos que, evidentemente, não são iguais. O terreno das diferenças parece-me extremamente difícil de demarcar. Julgo que temos de ver isto de uma forma bastante dinâmica, capaz de nos levar a perceber as contradições

dialécticas que existem neste conjunto de factores e não cair numa apreciação do tipo "tudo o que está ligado à mulher é opressão, tudo o que vem do homem vem do opressor".

Penso também que é errado colocarmos os problemas do homem e da mulher como se pudéssemos alguma vez partir do zero, como se a longa história da sociedade patriarcal não existisse. E, além do mais, penso que as características adquiridas pelo homem e pela mulher no decorrer desta longa história, se forem tratadas de uma forma revolucionária, podem constituir um enriquecimento.

**FLAMA** — Como é que explica isso, sobretudo em relação à mulher, que ficou sempre a perder mais?

**ISABEL DO CARMO** — Refiro-me à inteligência do homem e à inteligência da mulher que, neste momento, me parece serem dois tipos de inteligência diferentes. O homem é capaz de uma concretização e de uma intervenção que, em geral, a mulher não assume, salvo casos excepcionais; mas, por outro lado, a mulher, devido à sua própria condição social, criou um tipo de inteligência que a leva a intuir muito mais facilmente do que o homem. No futuro, e na base de uma estrutura económico-social socialista (é indispensável), o homem e a mulher poderão encontrar formas de síntese destes dois tipos de inteligência capazes de enriquecer a espécie humana e podem até representar um salto em qualidade daquilo que é característico da espécie humana — o pensamento.

**FLAMA** — Quando, por exemplo, faz uma análise política: acha que essa análise é condicionada pelo facto de ser mulher ou, pelo contrário, não tem qualquer especificidade em função do sexo?

**ISABEL DO CARMO** — Eu penso que sim, que é específica. Sempre pensei isso. E aí voltamos à questão da cultura, da ideologia, que tem tantos, tantos séculos, que a gente já não sabe onde é que acaba o social e começam as características próprias, o chamado biológico. Penso que a mulher actual, por mais voltas que dê, não se liberta das marcas da condição feminina. Isto pode parecer sacrilégio em relação a certos movimentos feministas, mas eu penso que é assim.

Aliás, o pensamento das mulheres que se afirmaram na história como mulheres políticas está profundamente marcado pelo facto de serem mulheres. A obra da Rosa Luxemburgo ou da Krupskaja, mostram essa marca. A Clara Zetkin e a Kollontai levantaram problemas que nenhum homem levantava naquela época. No entanto, as suas obras são mal acabadas. Por exemplo, a obra da Rosa Luxemburgo não tem princípio, meio e fim. Em contrapartida, ela mostra uma sensibilidade em relação à questão política da sua época, aos problemas da organização e à questão do poder, como nenhum homem foi capaz de manifestar. Quando levanta a questão da autonomia da organização operária, ou a da organização das massas, ou a das relações entre o partido e o estado soviético em formação, lá está essa sensibilidade que nenhum homem da sua



poça mostrou.

**FLAMA** — Talvez venha daí, em parte, a contestação da sua obra... Do facto de ser mulher...

**ISABEL DO CARMO** — Não tenho dúvida. Com certeza, teve de enfrentar, por isso mesmo, toda a espécie de dificuldades. Basta pensar em como eram as coisas nessa época e imaginá-la a arrastar as saias compridas por aquela Alemanha fora. E estou convencida de que a contestação por parte dos próprios amadoras dirigentes seria devida ao machismo. Pelo menos, é preciso desconfiar.

No entanto, as suas obras, as obras de todas estas mulheres, além de mal acabadas estão cheias de cedências. É a sua fragilidade social, como mulheres, que se reflecte ao nível do pensamento.

**FLAMA** — No entanto, o P.R.P. não encontrou dificuldades em fazer-se acreditar ao exterior, apesar de uma mulher aparecer frequentemente como seu porta-voz... Acha que é devido ao seu passado de militante?

**ISABEL DO CARMO** — Talvez. Mas não deixa de ser curioso. Porque nunca se verificou um único caso de contestação pelo facto de eu ser mulher. Nem naqueles comícios em aldeias onde as populações são bastante atrasadas. Por exemplo, há tempos fizemos um comício numa aldeia do Alentejo onde, além de a população estar bastante atrasada, houve uma verdadeira luta do P.C.P. para levar as populações a combaterem-nos. E, no entanto, isso não aconteceu, apesar de eu ser mulher. Mas a verdade é que eu também tenho cuidado em relação aos usos e costumes...

## FEMINISMO E LUTA DE CLASSES

**FLAMA** — Existindo uma opressão específica da mulher, tem de se reconhecer que essa opressão terá de ser combatida por uma luta também específica. Ora, numa sociedade capitalista, como aquela em que vivemos, levanta-se o problema da articulação dessa luta das mulheres pela sua libertação com outra mais geral, a luta de classes. Como lhe parece que deve ser feita essa articulação?

**ISABEL DO CARMO** — Como já disse, penso que só é possível alterar a condição da mulher com a revolução socialista e, portanto, quando se der uma alteração nas estruturas económico-sociais, de modo a suprimirem-se as causas primeiras da sua opressão, que se radicam na existência da burguesia como classe dominante. No entanto, penso que se deve lutar desde já por uma alteração da condição específica da mulher. Do mesmo modo que a classe operária deve lutar por reivindicações desde já. O que me parece é que há uma forma reformista e uma forma revolucionária de tratar estes problemas. A forma reformista, quanto a mim, consiste em criar a ilusão de que, reforma a reforma, ou reivindicação a reivindicação, se consegue levar as coisas até ao fim e atingir o objectivo final. Essa ilusão parece-me muito enraizada



## ISABEL DO CARMO: "O ÚNICO PRIVILÉGIO QUE ME RESTA E QUE NINGUÉM CONSEGUE APAGAR EM MIM É O DA INSTRUÇÃO"

em certos movimentos de mulheres. Pelo contrário, uma forma revolucionária é aquela que constantemente perspectiva o problema, no sentido de que só uma alteração profunda da sociedade resolve o problema. Mas fazê-lo em todos os actos, desde o documento que se escreve a propósito do divórcio ou do aborto ou da contracepção ou do salário feminino até ao próprio acto de abortar e no qual se contesta efectivamente as leis da sociedade burguesa.

**FLAMA** — Isso quer dizer que não perilha a opinião, muito defendida por certos círculos autodenominados revolucionários, segundo a qual o que importa neste momento é fazer a revolução socialista, porque a libertação da mulher virá depois...

**ISABEL DO CARMO** — Pois não. E penso

que esses círculos não são revolucionários mas sim reformistas. E não lutam pela revolução socialista, vão lutando sempre por pequenas alterações na sociedade. O que eu penso é que desde já temos de levantar todos os problemas, entre os quais o problema das mulheres e o dos jovens. Estes fazem parte de uma certa categoria de marginais na sociedade, que também engloba as crianças, os velhos, os reformados, os doentes e todo um vasto campo. Parece-me errado considerar que o proletariado se resume aos operários na fábrica. Quanto a mim, o proletariado inclui aqueles que estão na fábrica e os seus marginais, alguns dos quais não são produtores, mas sofrem a opressão de classe de uma forma muito mais terrível, devido às suas condições específicas.



**FLAMA** — No entanto, e apesar de você pertencer à direcção, o seu partido não tem prestado especial atenção aos problemas e reivindicações das mulheres... Como é que isso se explica?

**ISABEL DO CARMO** — Efectivamente, o P.R.P. não tem efectuado qualquer trabalho específico em relação à mulher. Não se trata, porém, de uma posição do partido. Pelo contrário, se tivéssemos de tomar posição sobre o assunto, afirmaríamos que reconhecemos toda a razão de ser à existência de movimentos específicos e de luta específica pela libertação da mulher. Há dois factores que fizeram que o P.R.P. não se tenha debruçado sobre esta questão. Por um lado, a luta das mulheres tem de ser levada para a frente por elas próprias, pois o sentir as coisas por dentro é determinante. Ora, no P.R.P., nunca se verificaram posições machistas, nunca houve discriminação em relação às mulheres. Estas têm acesso às mesmas responsabilidades políticas e, até, militares. Sempre assim foi. Por exemplo, nas Brigadas Revolucionárias houve sempre mulheres, que se mantêm perfeitamente incógnitas. As mulheres estiveram sempre, portanto, muito empenhadas nas responsabilidades políticas e nunca sentiram aqui dentro os problemas da opressão pelo homem.

Por outro lado, há a questão das prioridades. Neste momento, em Portugal a situação é de tal maneira urgente, a situação objectiva corre de uma forma tão rápida que também andamos sempre a correr para procurar soluções, para encontrar uma alternativa evolucionária. Temos de escolher. E a prioridade, para nós, tem recaído sobre o problema da organização, nos grandes centros proletários onde se encontra a vanguarda.

**FLAMA** — Afirmou que nunca existiu no P.R.P.-B.R. qualquer discriminação em relação às militantes, inclusivamente quanto a responsabilidades militares. Você participou alguma vez em acções violentas?

**ISABEL DO CARMO** — Na realização da acção no local, nunca participei, embora tenha participado em todos os outros aspectos que a rodeiam, desde o material ao estudo do local. Dentro da organização, houve sempre uma separação entre os sectores político e o militar, mas subordinados a uma direcção comum. Aliás, este ponto foi sempre muito importante para nós porque permitiu evitar o militarismo e impediu que se efectuassem acções militares desligadas de uma análise política e duma prática política. Além disso, toda a organização funcionava muito em relação às Brigadas, no sentido da informação, da aquisição de materiais, do estudo dos objectivos. Chegámos mesmo à conclusão que o êxito das acções, das Brigadas — que foram sempre conseguidas, as Brigadas nunca foram atingidas pela Polícia — se baseou muito nesta conjugação entre o político e o militar, em que o político funcionava muito para o militar.

Ora eu estava sempre encarregada do sector político, enquanto a responsabilidade militar

coube ao camarada Carlos Antunes. Portanto, a minha não participação no sector militar foi, por assim dizer, natural. Embora em relação a mim se pusessem problemas um pouco particulares, não pelo facto de ser mulher, mas por ser conhecida, o que dificultava a minha movimentação.

## A HORA DO PROLETARIADO

**FLAMA** — Como se explica que, apesar da sua vida de militância ininterrupta e das posições de responsabilidade, tenha continuado sempre a exercer a sua profissão de médica, quando o mais vulgar, nestes casos, é as pessoas "profissionalizarem-se" na política?

**ISABEL DO CARMO** — Fiz sempre um grande esforço para me manter no local de trabalho porque pessoalmente sinto necessidade de estar na vida extrapartido para sentir as coisas. Compreendo que existam outras pessoas que consigam perfeitamente entender a realidade não estando metidas nela; mas eu, pessoalmente, sinto necessidade de uma referência. Continuar a trabalhar foi uma forma de não perder o pé. Por isso, mantive-me sempre no Hospital de Santa Maria e no do Barreiro. (Mas nunca exerci actividade liberal.) Só em Novembro de 73, quando fui denunciada e me vi obrigada a entrar para a clandestinidade, é que deixei o emprego. Mantive-me nessas condições até ao 25 de Abril. Depois, recomecei a trabalhar imediatamente, embora limitada a uma consulta semanal — de endocrinologia, no Hospital do Barreiro.

**FLAMA** — A sua profissão, o seu diploma universitário e a própria origem social situam-na na pequena burguesia. No entanto, aparece na direcção de um partido do proletariado. Como é que encara essa contradição que, aliás, é frequente nas organizações políticas?

**ISABEL DO CARMO** — Em relação ao P.R.P., eu sou a única pessoa formada que está na direcção e em toda a Comissão Central, que é composta de 60 pessoas, o que até leva os camaradas a gozarem comigo e a indicarem-me como "a universitária da festa". Sou, portanto, uma excepção. Quanto a privilégios de classe concretos, não tenho nenhuns. De resto, nunca tive muitos, porque ganhei sempre relativamente mal, (aproximadamente o mesmo que um operário especializado). O único privilégio que me resta, e que ninguém consegue apagar em mim, é o da instrução. Esta, embora seja a instrução fornecida pela sociedade burguesa, dá possibilidades de entendimento e de teorização que muitos não tiveram. Mas eu penso que neste momento se está a dar um salto em qualidade. E este partido é já um exemplo dessa alteração. Há uma larga situação de proletários ocupando posições de responsabilidade. E isso não acontece por demagogia (do mesmo modo que as mulheres que, como eu, detêm lugares de responsabilidade dentro do partido, não os desempenham por demagogia). Estão porque são capazes de estar. De contrário, era

preferível estar lá um pequeno-burguês capaz.

Ultrapassando o caso específico deste partido, parece-me que na sociedade actual se está a dar essa alteração. Há uma diferença enorme entre a situação quando da revolução de Outubro na União Soviética e a situação actual. E haverá uma alteração ainda muitíssimo maior quando a revolução se der nos países capitalistas desenvolvidos. Era, aliás, o que previa Marx. O trabalho executado pelo proletariado industrial é tecnicamente muito diferente do princípio do século. Por outro lado, o acesso à cultura marxista, ao materialismo dialéctico, é abundantemente facultado a largas massas da sociedade capitalista, ainda que com todas as contradições dessa sociedade. Por outro lado, ainda, há uma memória da classe operária em relação ao movimento operário nos últimos anos que facilita a compreensão dessa mesma história. Existem, portanto, factores para que o proletariado neste momento esteja dotado de um grau de consciência e de uma capacidade de teorizar a sua prática muito superiores. Existem condições para fazer em Portugal uma revolução socialista mais avançada do que qualquer das anteriores.

**FLAMA** — Quais são, quanto a si, os passos que a classe operária tem dado nesse sentido? E quais os que lhe falta dar?

**ISABEL DO CARMO** — O mais importante foi a organização autónoma fora dos partidos que a classe operária foi capaz de construir desde o 25 de Abril. Essa capacidade de organização que está patente nas comissões de trabalhadores que surgiram por todo o lado, essa capacidade de conduzir as lutas, de analisar, de publicar documentos que neste momento são uma fonte importantíssima para a história do último ano em Portugal, de elaborar a teoria da própria classe. Tudo isto contra o poder do Estado que combatia essas lutas, contra os partidos da coligação, incluindo os que se reivindicavam da classe operária — e apesar de tudo combatiam as suas lutas... Quando a classe foi capaz de demonstrar essa capacidade, provou efectivamente que, apesar dos 48 anos de fascismo, era capaz de ir para a frente com formas superiores de organização.

No entanto, penso que há um atraso da organização em relação à situação objectiva. Num momento em que o poder executivo não existe (foi o que se viu para constituir um Governo que, toda a gente sabe, inclusivamente os próprios componentes, vai ser o mais curto de todos), em que se agudizam as divisões dentro do poder político-militar, neste momento se a classe operária tivesse uma organização unitária e, especialmente, uma direcção comum, amanhã tomava o poder.

Não sendo assim, é urgente que se dêem estes passos, no sentido da unidade de base e da direcção comum à volta de pontos programáticos também comuns. Mas há outro factor imprescindível para o avanço da situação: a aliança da classe operária com os militares revolucionários. Se essa aliança não se fizer, a revolução socialista é impossível. ■